

Cultura na Idade Média

João Pedro Ricaldes dos Santos – História 2011

Na Idade Média ocidental desenvolveu-se uma cultura profundamente ligada à religião católica e à mentalidade feudal: coletivista, teocêntrica, marcada pela oralidade e pela espiritualidade.

A Igreja exercia sua autoridade sobre a mentalidade da população, em todas as esferas da vida social: do nascimento à morte, na doença e no trabalho, na guerra e na política. Através das missas, sermões e sacramentos (batismo, casamento, extrema-unção, excomunhão, perdão; etc), controlava a vida cotidiana. Exigia o pagamento do dízimo (Tostão de Pedro).

Defendia a trifuncionalidade social, estabelecia alianças com Reis. Condenava heresias, isto é, todas as interpretações e práticas cristãs desaprovadas e combatidas pela Igreja Católica. Perseguia seus adeptos pela cruel Santa Inquisição.

Internamente, a Igreja estruturava-se em duas organizações: o clero secular e o clero regular. O clero secular era diretamente controlado pelo Papa e formava-se por um conjunto de arquidioceses, dioceses e paróquias. Estava vinculado ao cotidiano da população feudal, através dos sacramentos e da liturgia. Além de executar tais funções, o clero secular tem grande participação na economia feudal, pois fazia da Igreja a maior proprietária de terras no feudalismo.

O clero regular, também obediente ao Papa, era formado pelas Ordens Religiosas, como Beneditinos, Agostinianos, Dominicanos, Franciscanos etc. Geralmente voltadas à meditação e a uma prática isolada da população em geral.

Algumas passam a exercer funções assistenciais para idosos, doentes e crianças (Ordem de São Francisco, São Lázaro, Hospitalários, etc). Também acumularam um grande patrimônio rural na Idade Média.

A educação formal estava praticamente restrita aos grupos religiosos (clero regular e clero secular) e ao uso da língua latina e grega. O analfabetismo era amplamente dominante em todas as classes sociais.

Assim, a literatura medieval originou-se de uma forte tradição oral. Difundia-se oralmente a poesia e os contos épicos.

Seus temas eram a coragem, a lealdade do cavaleiro a seu suserano, a habilidade com armas e a devoção religiosa. Portanto, este tipo de obra valoriza o estilo ideal da vida dos nobres. Estes temas ainda persistem na literatura do século XII, mesclados ao tema do amor cortês, através do trovadorismo. Na Inglaterra, destacou-se o ciclo dos Contos dos Cavaleiros da Távola Redonda. Na Espanha os poemas de El Cid. Na Alemanha, a Canção dos Niebelungos

Manifestações culturais de resistência e crítica não faltaram. No Poema da Cocanha, por exemplo, difundia-se uma criativa sátira à Igreja e aos costumes das elites.

A resistência ao poder da Igreja também ocorreu na própria organização da vida religiosa. Houve, na Idade Média, muito antes da reforma luterana portanto, uma Reforma Espiritual, na qual se atacava os pecados da Igreja: a simonia (venda de objetos sagrados e relíquias) e nicolaísmo (vida imoral das autoridades da Igreja). Os principais movimentos reformadores foram a Ordem de Cluny e as Ordens mendicantes, reconhecidas pela Igreja como a Ordem de São Francisco. As não reconhecidas eram tratadas como heresias e duramente reprimidas e consideradas como desvios das normas oficiais. Exemplo: valdenses (não aceitavam santos e nem o purgatório) e albigenses na França, contestadores do modo de vida dos clérigos.

O poder econômico da Igreja, acumulado por meio de doações de reis e nobres, também enfrentou oposição, pois entrou em conflito com os principais reis europeus, como Henrique IV, do Sacro Império Romano Germânico, no século XI. O conflito entre Papas e reis, chamado Querela das Investiduras, incidiu sobre o poder de nomeação de arcebispos e bispos. Na verdade, tal conflito, relacionava-se ao controle das terras e impostos de arquidioceses.